ALMADA

PESSOAS / CULTURA / TERRITÓRIO / DESPORTO

RECICLAR
GARANTIR O FUTURO

SETEMBRO 17 | SETEMBRO 2022

CMA

LFC

Nascido e criado em Almada, **Carlão** explica-nos porque é aqui que se sente em casa.
p.26

Índice

3 EDITORIAL
Mensagem de Inês de Medeiros

4 EM ARQUIVO
Regresso às aulas

6 EM ANÁLISE
O que acontece às 261 toneladas de lixo que produzimos todos os dias no nosso concelho?
Conselhos e exemplos de como melhor tratar o que deita fora ao fim do dia

10 EM FOCO
Fotorreportagem na AMARSUL

18 TERRITÓRIO
Conheça a Associação Arroz de Polvo
O que faz a Brigada do Mar?
Mobilidade Sustentável
Campo de Jogos em Cacilhas com nova imagem

24 ENTREVISTA
Mario Cruz. Usar a fotografia como um alerta

26 ALMADA EM MIM
Percorremos com Carlão a Almada da sua juventude

30 RADAR
AHUA - a marca que transforma árvores em pranchas de surf

32 ACONTECE
Quinzena de dança de Almada
Festas da Cova da Piedade
Trafaria Bluegrass

FICHA TÉCNICA
Edição: Câmara Municipal de Almada | Departamento de Comunicação
Diretora: Inês de Medeiros
Diretora-Adjunta: Raquel Antunes
Coordenação: Sara Dias
Consultor Editorial: Paulo Tavares
Editor de Fotografia: Luis Filipe Catarino
Redação: Joana Mendes (JM), Paulo César Teixeira (PCT), Paulo Tavares (PT), Sandra Gomes (SG)
Fotografia: Anabela Luís (AL), Carlos Valadas (CV), Luis Filipe Catarino (LFC) e Victor Mendes (VM)

Paginação: Susana Tormenta
Capa: Luis Filipe Catarino; ajuda à produção - florista Mar de Rosas by Espaço Meco - Almada
Impressão e distribuição: To spend with you
Tiragem: 120.000 exemplares
Periocidade: Mensal
Distribuição: Gratuita
ISSN: 2184-9137
Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, art.º 12.º, n.º1b).
Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

CONTACTOS ÚTEIS:
Geral
Tel.: 212 724 000
Gabinete de Atendimento Municipal
Linha Verde Almada Informa - 800 206 770
E-mail: almadainforma@cm-almada.pt
Distribuição da Revista Almada:
distribuição.revista@cm-almada.pt
Site: cm-almada.pt

/cmalmada

CMA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Editorial

Caras e caros munícipes,

As alterações climáticas e a crise energética e inflacionária que atravessamos desde o início dos combates na Ucrânia vieram reforçar uma convicção que deve ser coletiva e que devemos cultivar nas nossas comunidades: o desperdício e a má gestão de recursos deixaram de ser aceitáveis, o planeta já não os tolera.

Neste mês de regressos - à escola ou ao trabalho - todos retomamos rotinas que vão marcar o compasso do resto do ano, até ao próximo verão, até às próximas férias. É, por isso, um momento em que devemos refletir nalguns gestos diários, automáticos. Como, por exemplo, a forma como tratamos o que sobra dos nossos dias, os nossos resíduos.

Cada português produz, em média, 1,5kg de lixo por dia. No nosso concelho, recolhemos 261 toneladas de resíduos a cada dia. Nesta edição mostramos-lhe os passos decisivos que estão a ser dados para uma economia mais circular, que valorize e reaproveite todos os recursos.

Boa parte desse esforço está nas mãos de cada um de nós. Na forma como separamos o lixo em casa e como depois o depositamos no local certo. É uma missão que pode parecer simples, uma mensagem um pouco gasta até, ao fim de décadas de campanhas de sensibilização para a reciclagem, mas o certo é que continua a chegar às centrais de tratamento de resíduos muito lixo "mal encaminhado". Como nos explica nestas páginas a chefe de divisão da Limpeza Urbana da CMA, "o que é, efetivamente, lixo é muito pouco". Ou seja, a grande maioria dos resíduos que produzimos nas nossas casas são passíveis de ser tratados, reciclados e transformados noutras matérias.

Esta é mais uma das frentes da batalha contra as alterações climáticas, um combate a que já chegamos atrasados. O relatório do IPCC - o Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas das Nações Unidas - deste ano é assustadoramente claro. Sem ações concretas a nível global, caminhamos em passo acelerado para um desastre climático. As notícias nestes meses de verão sobre fenómenos meteorológicos extremos um pouco por todo o globo - seca extrema e incêndios violentos no sul da Europa; chuvas fortes e enxurradas noutros pontos mais a norte - não deixam margem para dúvidas, são sintomas de um planeta doente.

É por isso urgente planearmos e trabalharmos a mudança, alterando comportamentos e incentivando quem está à nossa volta a adotar boas práticas, por exemplo, na separação e tratamento dos resíduos.

Nesse esforço que é, no fundo, de sensibilização e educação ambiental, é reconfortante verificar que este é um território ativo, com uma sociedade civil interessada e organizada. São exemplo disso as duas associações de que lhe falamos mais adiante - a Arroz de Polvo e a Brigada do Mar -, que têm trabalho desenvolvido na área da sustentabilidade ambiental.

E, porque a arte também pode comunicar mudança positiva, espreitamos a exposição *"Living among what' s left behind "*, do fotojornalista Mário Cruz. No antigo edifício da EDP somos confrontados com imagens de toneladas de lixo, recolhidas em Manila, nas Filipinas, junto das comunidades que vivem nas margens do rio Pasig. Ninguém fica insensível a esse verdadeiro rio de lixo.

Em setembro voltamos a ter uma semana para pensar em mobilidade sustentável, com a Semana Europeia da Mobilidade. Este ano experimentamos um domingo sem carros em quase toda a zona da Almada Velha, um dia para repensarmos como nos movemos em ambiente urbano e como, tal como no tratamento dos resíduos, a forma como nos comportamos no dia a dia tem impacto no futuro do planeta.

Para esta luta, provavelmente a mais desafiante das últimas décadas, estou certa do empenho e compromisso de todas e todos os Almadenses.

INÊS DE MEDEIROS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

CMA
1940

REGRESSO ÀS AULAS

Texto de Sandra Gomes
Fotografias do Arquivo Histórico Municipal de Almada

Setembro é reencontrar ou descobrir a escola. Retomam-se as rotinas que durante os próximos meses vão pontuar o quotidiano da comunidade escolar e reencontram-se colegas e amigos. Para alguns é o início de uma nova aventura, com os primeiros dias de um percurso escolar numa nova escola ou num ciclo de ensino diferente.

Uma mescla de emoções e expetativas marcam este começo ou regresso, onde se cruzam alunos e professores que vão partilhar conhecimentos e descobrir novas realidades. No arranque do ano letivo de 2022/2023 revisitamos memórias de gestos e hábitos que se perpetuam, ano após ano, no mês que anuncia a chegada do outono.

2

3

4

5

LEGENDAS:
1 – Alunos à entrada da Escola Primária n.º 2 de Almada, década de 1990

2 – Sala de aula com professora e alunos na Escola Primária Conde de Ferreira, Almada, outubro de 1990

3 – Alunos no pátio da Escola Primária Conde de Ferreira, Almada, outubro de 1990

4 – Escola Básica n.º 3 da Trafaria, década de 1980

5 – Receção à comunidade educativa na Oficina de Cultura, 1997

TOLERÂNCIA ZERO EM MATÉRIA AMBIENTAL

Texto de Paulo Teixeira
Fotografias de Victor Mendes

Os recursos naturais não são infinitos e os nossos hábitos de vida estão a exigir mais do que o planeta tem para oferecer. É urgente uma tomada de consciência global, que permita continuar a evoluir sem deteriorar, ainda mais, o meio ambiente.

O que é afinal a sustentabilidade ambiental e em que medida pode interferir com a nossa forma de viver? A sustentabilidade ambiental, expressão que ouvimos com cada vez mais frequência, seja de entidades ambientalistas, seja na comunicação institucional de empresas de produtos ou serviços não dedicadas a questões ambientais, pressupõe uma harmonização entre o meio ambiente e os sistemas económico e social. Só com um equilíbrio entre estes três vetores poderemos reverter a degradação ambiental e garantir às gerações futuras um planeta saudável, com os recursos a que ainda temos acesso.

Susana Fonseca, vice-presidente da ZERO – Associação Sistema Terrestre Sustentável – fala-nos da relevância e necessidade de "procurar as pontes entre as questões ambientais e as questões económicas e sociais" para que as ações de sensibilização consigam "chegar a públicos que, se calhar, não são tão sensíveis às questões ambientais, mas são sensíveis a outras questões". Reforça ainda que "estas pontes existem, a questão é dar-lhes o relevo que nós achamos que deve ser dado, para as pessoas perceberem que proteger o ambiente não é só uma questão ambiental, é também uma questão social e uma questão económica".

"Grande parte do nosso trabalho é dedicado a influenciar políticas"

As associações de defesa do ambiente têm tido um papel muito significante na sensibilização de massas. Para a ZERO, a educação ambiental é importante e deve continuar a ser desenvolvida, mas não é suficiente para a transformação necessária. "Muitas das vezes estamos a sensibilizar para práticas que, no quotidiano, as pessoas não conseguem aplicar; porque é difícil, porque não está disponível, porque é mais caro, porque é preciso ter mais informação. Aquilo que consideramos fundamental em termos de intervenção é tentar criar as condições estruturais para que seja mais fácil todas estas práticas de sustentabilidade serem implementadas. Por isso, grande parte do nosso trabalho é dedicado a influenciar políticas".

É junto do Parlamento Europeu, dos representantes políticos e dos municípios que é realizado grande parte do trabalho, desenvolvido em rede e em parceria com outras ONG (Organizações Não Governamentais) nacionais e internacionais, coordenadas pelas organizações "chapéu".

> "Há setores que têm muita influência sobre o governo e é difícil desconstruir as teias que existem"

Como diz Susana Fonseca, a pressão exercida sobre decisores e legisladores, apesar de malvisto na maior parte das vezes, é a ação mais frutífera em termos imediatos. Exemplo disso foi a obrigatoriedade da cobrança da taxa sobre os sacos de plástico que veio educar e formatar as pessoas para comportamentos mais sustentáveis.

Outras propostas vão fazer parte dos nossos hábitos mais tarde ou mais cedo. O ressurgimento da taxa de depósito das garrafas de vidro ou a retribuição pela entrega das garrafas de plástico em pontos específicos são algumas das medidas previstas para breve.

"Há setores que têm muita influência sobre o governo e é difícil desconstruir as teias que existem, mas é esse o nosso trabalho", diz-nos a vice-presidente que sublinha ainda a necessidade de estruturar a argumentação para que a mensagem tenha impacto suficiente junto dos decisores políticos e seja assunto em agenda.

Apesar disso, a dirigente da ZERO considera que a maior parte dos governantes compreendem hoje melhor o papel das ONG's e têm uma sensibilidade diferente para os assuntos que elas trazem para debate, do que há duas ou três décadas. A quantidade e qualidade da informação disponibilizada é também diferente.

Existem diversos indicadores que nos permitem ter uma ideia precisa do que se passa com o nosso planeta, como é o caso do Dia da Sobrecarga da Terra (*Earth Overshoot Day*). (Consulte QR CODE na página seguinte)

Susana Fonseca, vice-presidente da ZERO

Este indicador permite-nos saber em que dia esgotamos os recursos naturais num determinado período de tempo. Para 2022, já estamos a viver a "crédito ambiental" desde o final do mês de julho, o que significa que até ao final do ano, continuando a viver da mesma forma, iremos estar a gastar recursos que o planeta não consegue recuperar. A década de 1970 foi a última em que vivemos dentro dos limites do equilíbrio ambiental.

Entre as várias medidas para promover o equilíbrio do planeta, a libertação do ideal consumista incutido na nossa sociedade é uma das prioritárias. "Temos mesmo que encontrar outras formas de conseguirmos viver com qualidade sem necessitar de tanta coisa."

O reajuste do modelo económico "produção-consumo" é uma proposta fundamentada no conceito de economia circular, contrário ao conceito de "fim-de-vida" dos produtos da economia linear, que assenta em princípios de renovação, reutilização e restauração.

Este modelo estratégico, além dos benefícios ambientais, permite a criação de novos modelos de negócio, promovendo o emprego a nível nacional e a redução de custos na aquisição e transporte de matéria-prima.

O conceito é reforçado pela conjuntura atual. Os conflitos externos e as crises económica e energética ameaçam o retrocesso das políticas ambientais, onde se coloca a hipótese de um regresso ao carvão ou à energia nuclear. "Quanto mais a Europa apostar em energias renováveis, mais resiliente se torna" e menos vai depender dos grandes fornecedores de combustíveis fósseis.

Nesta fase, que Susana Fonseca considera ser "de transição e que vai determinar o bem-estar das gerações futuras", as políticas centrais são o motor da mudança de consciências, mas as dinâmicas e ações do poder local podem ser determinantes na passagem da consciência à ação.

O concelho de Almada tem sido exemplo no desenvolvimento e participação em projetos na área ambiental, sendo pioneira a nível nacional a trabalhar com o conceito de Pegada Ecológica. "Dos concelhos da margem sul, aquele com o qual trabalhamos mais acaba por ser Almada", diz a diretora da ZERO, referindo os vários projetos onde trabalharam em conjunto.

+ informações
https://www.overshootday.org/

RESÍDUOS URBANOS
MISSÃO DE TODOS

Texto de Joana Mendes

Todos os dias, 261 toneladas de resíduos são recolhidas no concelho de Almada. Toneladas de resíduos que saem das nossas casas e entram, hora a hora, no Ecoparque da Amarsul, no Seixal. Será que essas 261 toneladas diárias são, efetivamente, resíduos indiferenciados? Será que podemos agir de forma a reduzir a nossa produção de resíduos?

Atualmente, falar de lixo já não faz sentido. Falamos em resíduos e falamos, também, na valorização dos mesmos, seja através da reutilização ou da reciclagem.
"O melhor resíduo é aquele que não existe", explica a engenheira do ambiente, Ana Campos, chefe da Divisão da Limpeza Urbana da CMA, que sublinha a necessidade de prevenir e reduzir a produção de resíduos, tanto por questões ambientais, como económicas.
Quanto menos resíduos forem encaminhados para aterro, melhor. Primeiro, porque sabemos que o aterro é um espaço finito. Segundo, porque pagamos na nossa fatura da água a Taxa de Gestão de Resíduos, que varia de acordo com as toneladas encaminhadas para aterro por cada Município.
Encaminhar resíduos indiferenciados para aterro custa ao Município de Almada cerca de 65 € por tonelada. Já os materiais recicláveis, colocados no ecoponto, são encaminhados para valorização a custo zero.
"Quase todos os resíduos que produzimos em casa são passíveis de ser transformados noutras matérias. O que é, efetivamente, lixo é muito pouco", explica-nos Ana Campos.
Em Almada, os números indicam que, para além de existir uma parte de material reciclável que ainda é colocado no "lixo" comum, cerca de metade são biorresíduos. Ou seja, matéria orgânica (proveniente de restos alimentares e resíduos verdes) que pode ser desviada de aterro e utilizada na produção de composto usado como fertilizante na agricultura.
Se estes resíduos forem desviados do contentor dos indiferenciados e devidamente encaminhados, a fatura de tratamento do Município, paga pelos munícipes através da tarifa de resíduos, pode diminuir, também, na percentagem correspondente. É um daqueles casos em que podemos dizer que "está nas suas mãos".
É nesta medida que se têm desenvolvido vários projetos para encontrar "um caminho certo para cada resíduo", diz Ana Campos. O projeto "Almada, Vamos Compostar", implementado em 2021 na Herdade da Aroeira, é um dos exemplos, alargado agora a toda a área das freguesias da Charneca de Caparica e Sobreda. Este é um projeto destinado a moradores que tenham jardim, pois esse é um requisito para a instalação de um compostor doméstico.
Maria do Carmo Antão, engenheira do ambiente, chefe da Divisão de Planeamento e Gestão de Recursos da CMA e responsável pelo projeto, explica que o objetivo é "desviar do lixo comum os resíduos orgânicos através de um compostor fornecido pela CMA". Neste compostor, são colocados os restos vegetais de preparação de alimentos e de jardinagem com o intuito de produzir um fertilizante rico em nutrientes.
A monitorização do "Almada, Vamos Compostar" levou-nos até à Central de Valorização Orgânica, no Ecoparque da Amarsul. Aqui, foi "dissecada" e analisada uma amostra de resíduos indiferenciados recolhidos na zona da Herdade da Aroeira, onde o projeto piloto foi implementado, uma chamada "caracterização física", para perceber se os biorresíduos estavam, ou não, a ser desviados para o compostor. Os resultados mostram que 57,4% dos resíduos analisados são biorresíduos (um acréscimo de 3% face à caracterização feita, nos mesmos moldes, em junho de 2021, aquando do arranque do projeto). Mostram, também, que houve um aumento de embalagens de plástico e metal em 1,7% (de 17,7% para 19,4%) presentes no lixo comum. Já relativamente ao papel e ao cartão e ao vidro houve uma diminuição (foi encontrado menos 2,1% de papel e 1,2% de vidro no lixo indiferenciado).
Também a recolha seletiva de biorresíduos em todo o concelho constitui um "desafio nos próximos anos", explica Ana Campos.
O centro da freguesia da Costa da Caparica conta já com contentores coletivos enterrados, para a recolha de resíduos orgânicos (de cor castanha) e para a fração resto (de cor cinzenta, para os resíduos que não devem ser colocados em outros contentores, como fraldas ou dejetos

de animais). Estes contentores foram instalados ao abrigo de uma candidatura PO SEUR (Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos) que abrange cerca de 24 mil habitantes (14% da população do concelho). Mas, o objetivo passa por alargar esta recolha a habitações e estabelecimentos hoteleiros em todo o concelho, de restauração ou similares, com intuito de cumprir as metas de valorização de resíduos biodegradáveis, a partir de 31 de dezembro de 2023.

Brevemente, vamos poder ver (e usar) nas freguesias do concelho um Ecocentro Móvel com um contentor destinado a "resíduos difíceis", que não se enquadram nos restantes contentores dedicados à recolha seletiva, como equipamentos eletrónicos, tinteiros, lâmpadas, latas de tintas ou diluentes.

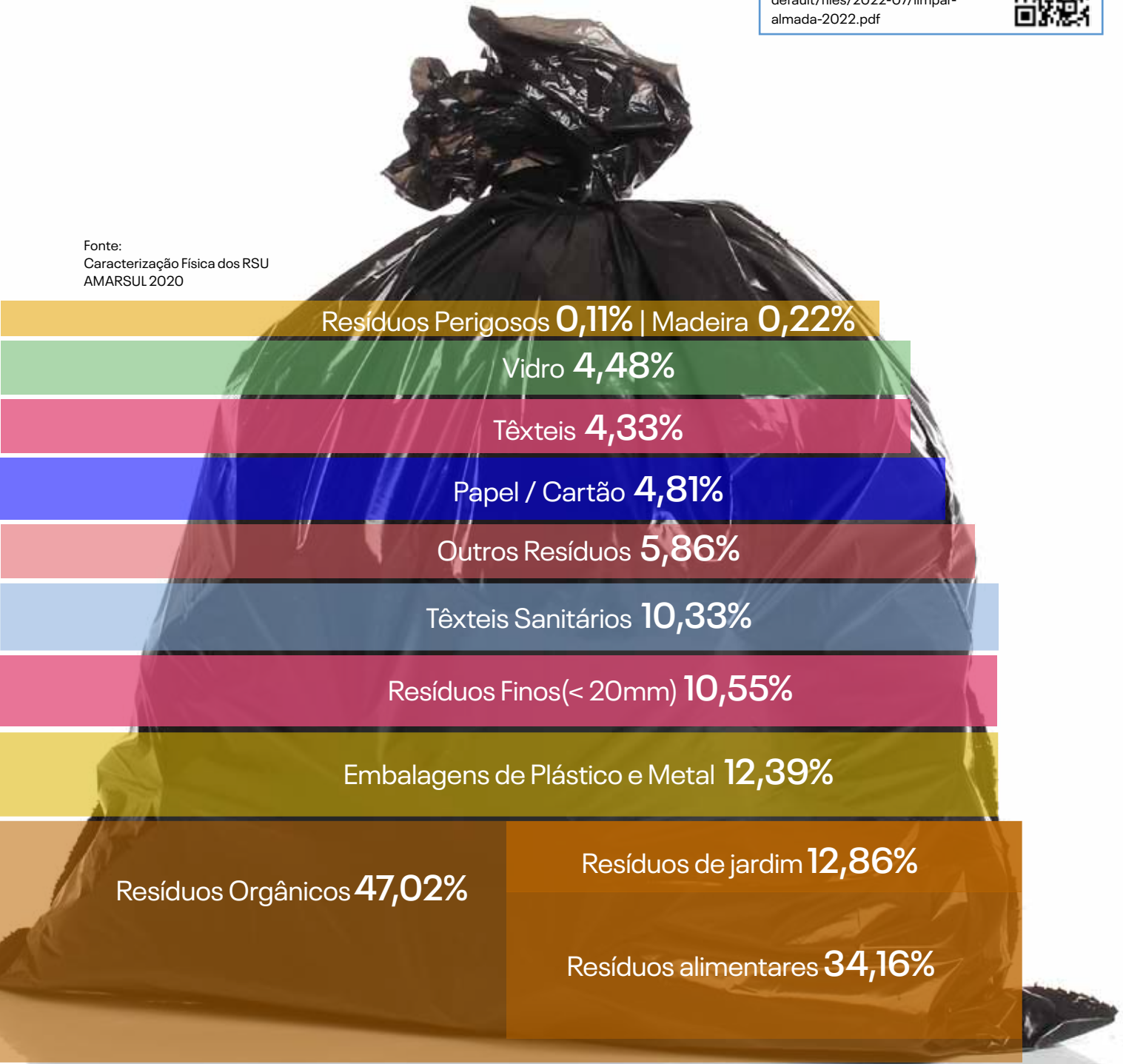
"Esta é uma aposta num serviço de proximidade", diz Ana Campos que explica que este Ecocentro Móvel irá passar por todas as freguesias do concelho, em pontos chave, de acordo com um calendário semanal.

Esperam-se, pois, mudanças na forma como tratamos os nossos resíduos. Não só na tentativa de reduzir a sua produção, como no destino que damos aos mesmos. Uma separação seletiva que permita que os nossos resíduos possam adquirir outras funções, numa economia que se quer circular, permitindo desviar dos aterros um grande volume de lixo (que, no final de contas, não o é). E esta é uma responsabilidade que é de todos.

Limpar Almada 2022

Este mês, para celebrar o *World Cleanup Day* a 17 de setembro, a CMA realiza a iniciativa Limpar Almada 2022, uma ação de limpeza voluntária e coletiva que quer sensibilizar a comunidade para a preservação de um espaço público limpo– uma missão que é de todos –, promovendo os valores e as regras da reciclagem.

+ informações
https://www.cm-almada.pt/sites/default/files/2022-07/limpar-almada-2022.pdf



Fonte:
Caracterização Física dos RSU
AMARSUL 2020

DESCOBRIR O VALOR NO QUE DEITAMOS FORA

Não é fácil captar, em imagens, a real escala das colinas de lixo que a Amarsul trata a cada dia. Só de Almada chegam ali mais de 260 toneladas de resíduos a cada 24 horas. Para que estas marés de lixo possam ser recicladas e valorizadas todos devemos cumprir, nas nossas casas, as regras básicas da separação de resíduos.

Texto de Paulo Tavares
Fotografias de Carlos Valadas e Luis Filipe Catarino

LFC

LFC

CAT

LFC

LFC

AMARSUL
SENSIBILIZAR PARA RECICLAR

Na Central de Triagem Automática de embalagens da Amarsul, no Ecoparque do Seixal, são tratadas e valorizadas seis toneladas de plástico a cada hora. Mesmo assim, nos dois últimos anos de pandemia, notou-se um decréscimo nos hábitos de reciclagem da população. É, por isso, urgente mudar comportamentos.

Texto de Joana Mendes
Fotografias de Carlos Valadas

Entre pilhas de resíduos, grandes pavilhões repletos de lixo já tratado e diferentes fases de separação, boa parte dos materiais que por ali passam - pela Central de Triagem Automática de Embalagens - acaba numa linha de triagem manual. É nessa área que é fácil perceber que ainda existem muitos resíduos colocados indevidamente no ecoponto amarelo. Numa das linhas, operadores retiravam peluches, peças de vestuário, guarda-sóis entre outros resíduos, tudo isso dificulta o processo de tratamento.

"Em 2019 tínhamos números de reciclagem interessantes, mas hoje em dia esses números estão muito abaixo. A pandemia desabituou as pessoas de separar". Quem o diz é Susana Silva, responsável da área de Comunicação e Sensibilização de Amarsul, empresa encarregue da recolha seletiva, tratamento e valorização de resíduos dos nove municípios da Península de Setúbal. Com sinal contrário, os números mostram que no concelho de Almada e no mesmo período (entre janeiro e junho) de 2022 foram recolhidos mais materiais recicláveis do que no ano anterior, sendo mais expressivo o caso do vidro (foram recolhidas 1550 toneladas, em 2021, e 1659 toneladas, em 2022).

Através da análise do conteúdo de sacos de resíduos indiferenciados – também tratado neste Ecoparque para valorização orgânica (transformação em composto para agricultura) ou deposição em aterro de onde é extraído biogás, que funciona como combustível para motogeradores que produzem energia injetada na Rede Elétrica Nacional ("Do lixo fazemos luz", diz-nos Susana) – percebemos que ali vai parar muito material que podia ser reciclado ou desviado do aterro, poupando recursos ao país e ao planeta.

Por todas estas razões, existe uma aposta séria na área da sensibilização e educação ambiental da Amarsul, que desenvolve programas para públicos-alvo diferenciados. "Temos maior adesão se as nossas campanhas forem segmentadas". Susana Silva destaca o programa "Ecopraias – Vamos Reciclar à Beira-mar", um projeto que "teve como área piloto as praias urbanas de Almada", em 2018. Uma campanha alargada a outras praias do concelho e a outros municípios, em 2019, para estimular boas práticas de reciclagem junto de banhistas, concessionários e colónias de férias. Susana Silva acredita que a sensibilização dos mais jovens é uma forma de chegar aos pais e avós.

Também a pensar nas famílias, está disponível a APP Recycle BinGo, um jogo gratuito para equipamentos móveis que, além de ser "uma forma diferente de aprender sobre reciclagem", oferece prémios a quem mais recicla, "já que a sua mecânica se baseia na deslocação ao Ecoponto como ponto de partida para premiar os seus utilizadores", explica Susana Silva.

Já os programas "Toneladas de Ajuda" e "Ecovalor" procuram promover a reciclagem junto de organizações. O primeiro é destinado a IPSS que queiram entregar na Amarsul os seus materiais para reciclagem (plástico e metal, papel e cartão e/ou vidro).

Em 2021, a *Refood* de Almada foi a terceira instituição que mais materiais entregou para reciclagem a nível regional, com mais de 7 toneladas. "Só no último semestre, a Refood Almada resgatou mais de 80 toneladas de bens alimentares (...). Quando nos deparámos com esta iniciativa de sustentabilidade ambiental [Toneladas de Ajuda] decidimos inscrever-nos, pois seria um complemento ao trabalho que desenvolvemos (...) e porque nos permite ser mais sustentáveis financeiramente", diz Pedro Martins da equipa de coordenação do Núcleo Refood Almada.

A entrega de uma contrapartida financeira, de acordo com o peso

do material entregue, é uma das características destes programas, que procuram recompensar as entidades que estimulem hábitos de reciclagem.
Numa lógica semelhante, o programa Ecovalor é destinado a estabelecimentos de ensino, premiando os que apresentem maiores números na reciclagem de embalagens usadas, através dos concursos "Separa e Ganha no Amarelo/Azul/Verde", de acordo com o tipo de materiais recolhidos (plástico, papel e cartão e/ou vidro).
No ano letivo de 2021/2022, destaca-se a participação da Cooperativa de Ensino Superior Egas Moniz, localizada na Caparica, umas das instituições de ensino que mais plástico, metal e papel encaminhou para reciclagem durante o ano letivo de 2021/2022. Uma instituição que já tinha sido distinguida no ano letivo anterior, integrando o pódio regional, no 3.º lugar, com a entrega de 11 toneladas de materiais, em 2021. "A Egas Moniz está a formar os futuros trabalhadores que enfrentarão os maiores desafios ambientais alguma vez registados", diz-nos a engenheira do ambiente Ana Rita Carvalho, do Gabinete de Planeamento Estratégico e Sustentabilidade da instituição, alicerçando a adesão ao programa Ecovalor "com o objetivo de aumentar a consciencialização ambiental" da comunidade académica.
A Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT NOVA, foi o estabelecimento de ensino que mais materiais entregou para reciclagem – 17 toneladas – a nível regional, no ano letivo 2020/2021.
Já a pensar em toda a comunidade, foi criada a Linha da Reciclagem (800 911 400 e linhareciclagem.pt) sob o mote "Quem liga ao ambiente, liga.". Este é um serviço de atendimento ao público gratuito do grupo EGF (da qual a Amarsul é concessionária) que quer facilitar o pedido de serviços de recolha porta-a-porta (para habitações, comércios e serviços), o esclarecimento de dúvidas ou a apresentação de sugestões e reclamações. "Se um ecoponto estiver cheio, pode utilizar esta Linha para comunicar a situação", exemplifica Susana Silva.
E, porque vale a pena vermos como os nossos próprios olhos o trabalho que está para lá da colocação de resíduos no contentor ou no ecoponto, há visitas às instalações da Amarsul para grupos organizados de escolas ou empresas, mediante marcação. Porque a proteção do planeta está nas nossas mãos. Reduzindo, reutilizando e reciclando.

+ informações
https://amarsul.pt/

ARROZ DE POLVO

"FAZER O BEM, ACRESCENTA"

Texto de Joana Mendes
Fotografias de Victor Mendes

O quartel-general da Arroz de Polvo está na zona mais a sul da praia da Fonte da Telha. Trata-se de uma jovem associação que quer sensibilizar as novas gerações para a importância do Ambiente, da Cultura e do Desporto.

Bruno Cavaco e Ricardo Rodrigues na Casa Arroz de Polvo

Dizia-se que fazia o melhor arroz de polvo, o antigo pescador que era carinhosamente tratado pelo nome deste prato português. De seu nome José Luís, vivia com parcas economias, numa pequena barraca sem condições, para lá da última concessão de praias a sul da Fonte da Telha. Mantinha uma relação de amizade de longa data com um grupo de amigos que, desde miúdos, frequentava as praias da zona e que, em 2012, vendo a deterioração das condições de vida do pescador, decidiu angariar fundos e construir uma pequena casa condigna para o "amigo de sempre".

Arroz de Polvo (José Luís) acabou por falecer em 2021, deixando o nome à associação, que se formou logo a seguir, como forma de salvaguardar a pequena casa e a memória do amigo. Esta é a história da associação, contada por Bruno Cavaco e Ricardo Rodrigues, que nos receberam na casa Arroz de Polvo. É uma estrutura rústica, construída pelos elementos da associação, onde impera a utilização de madeira reutilizada e despojos marítimos, "respeitando a sensibilidade ambiental" do sítio onde está instalada.

Uma visita ao local, que atualmente é muito mais do que a pequena casa construída para o antigo pescador, mostra-nos que a criatividade e a habilidade artística são um ponto forte da Arroz de Polvo.

Desde o mural que retrata a figura inspiradora do projeto, ao pórtico de entrada todo feito de ramos de acácias, ao artesanato vendido pela associação como forma de promover a sustentabilidade, à cauda de baleia colocada nas imediações – uma "instalação feita com madeiras recicladas distinguida num concurso de intervenção urbana dinamizado pela *Fuel TV*", conta Bruno Cavaco –, é notória a vocação artística da associação.

"Neste ano e meio tem-nos centrado muito neste espaço físico", um local "único, organizado ao pormenor", acrescenta Ricardo Rodrigues. É evidente o gosto que têm pela casa, não só pelo esforço que lhe foi dedicado, como também pela missão que cumpre. Primeiro, enquanto casa para José Luís, depois, enquanto base da Arroz de Polvo. "Fazer o bem, acrescenta", diz Ricardo.

É neste local que se realizam grande parte das atividades da associação. *Workshops* criativos, ações de limpeza de praia, caminhadas pedagógicas ou batismos de *surf*.

"Em grande medida, as nossas ações são dirigidas a crianças", especialmente as mais vulneráveis em termos socioeconómicos, diz Bruno. "O objetivo é que saiam daqui com um sorriso rasgado" depois de um dia de atividades desportivas e criativas, sempre acompanhadas por mensagens ambientais positivas.

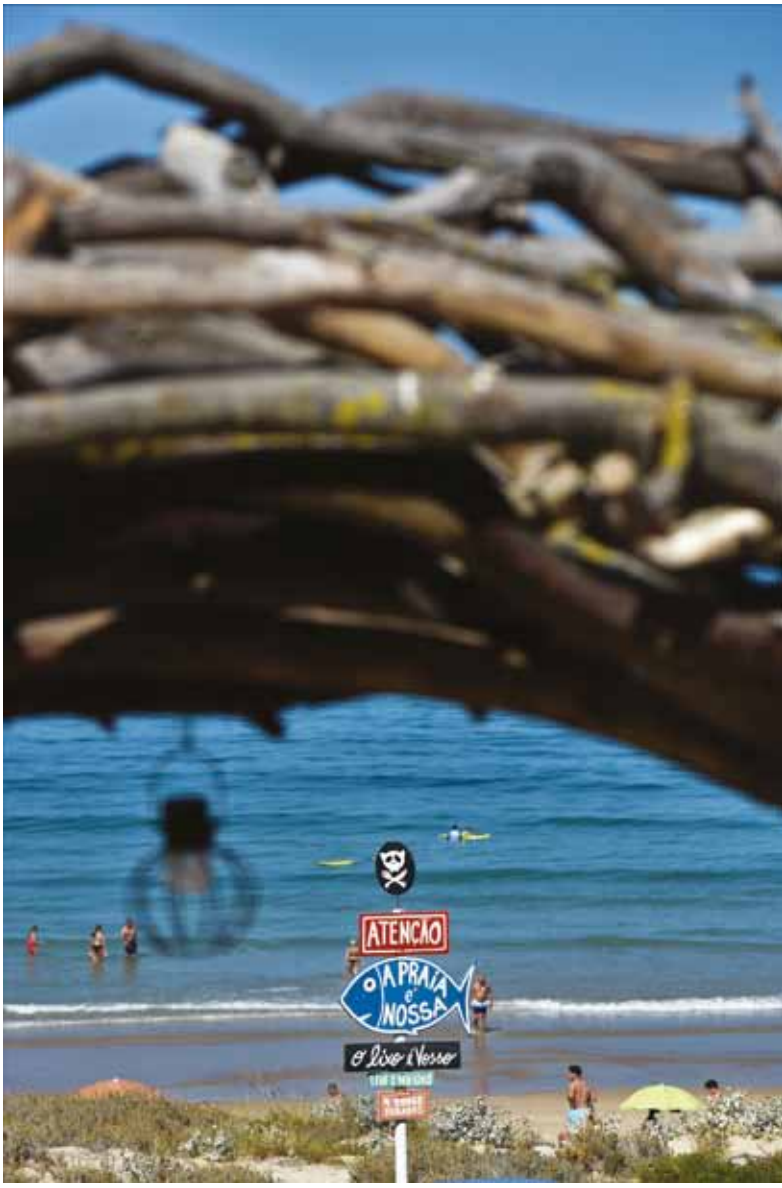
O ambiente, a cultura e o desporto são, aliás, os três grandes eixos orientadores da Arroz de Polvo que procura "potenciar novos horizontes para as crianças e enraizar-lhes princípios ambientais", levando-as a "saírem de casa e deixarem os telemóveis, brincarem e socializarem", diz Bruno Cavaco.

"Queremos chegar a crianças que contactem muito pouco com o mar, crianças que gostavam de fazer *surf*" mas que não podem porque uma prancha de *surf* é cara. "Futuramente, um dos objetivos é chegarmos a crianças com dificuldades intelectuais e motoras", acrescenta Ricardo Rodrigues, mas para tal, salientam os dois amigos, são necessários mais recursos humanos e materiais.

"Temos mil ideias, para atividades que queremos fazer, mas há coisas que não conseguimos fazer sozinhos", explicam, ressalvando a importância do trabalho em parceria.

Além de uma associação, a Arroz de Polvo é "um grupo de amigos que frequenta a Fonte da Telha há mais de 30 anos" que revela uma grande paixão e estima pelo local e pelas suas gentes, procurando "passar mensagens de sensibilização ambiental, de preocupação com a reciclagem, de respeito pelo próximo, de convivência saudável" à nova geração.

"Em grande medida, as nossas ações são dirigidas a crianças", especialmente as mais vulneráveis



BRIGADA DO MAR

INDIGNAÇÃO COM AÇÃO

Texto de Joana Mendes
Fotografias de Carlos Valadas

É esse o lema da Brigada do Mar, uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento, que atua em todo o país para promover a limpeza da orla costeira fora de áreas concessionadas e para sensibilizar as comunidades para o flagelo do lixo marinho. Almada não é exceção.

Ana Rita Seirôco com uma fotografia da equipa da BdM que retrata uma ação de limpeza

Ana Rita Seirôco, gestora de projetos da Brigada do Mar (BdM), conhece bem a Trafaria. Em Almada, é nesta freguesia que a BdM, uma associação de intervenção ambiental, realiza grande parte das ações de limpeza e sensibilização junto da comunidade, sempre com apoio de voluntários e em parceria com entidades locais.

As ações de limpeza acontecem em zonas não concessionadas, como a praia do 2.º Torrão. Uma área onde, em 2018, a equipa da BdM se deparou com "mais de 40 frigoríficos deixados na Lagoa do Torrão, uma zona de nidificação de aves aquáticas". "As pessoas não percebem que o lixo afeta a sua saúde. Para elas está bem assim. Tem a ver com as suas circunstâncias de vida. Por isso trabalhamos muito com os jovens da comunidade. Conseguimos chegar a pessoas mais velhas através dos filhos ou netos", conta Ana Rita que nos fala de necessidade de capacitar as comunidades locais para a mudança.

Junto das crianças, as ações de limpeza são complementadas com atividades pedagógicas com recurso a lixo marinho, onde se contam as histórias e viagens de cada detrito encontrado na praia. O objetivo é promover mudanças de hábitos e comportamentos, incluindo os de consumo. "Vivemos numa sociedade com muito plástico, onde até a embalagem do pão que compramos tem plástico".

Aqui (uma área mais próxima do Tejo) o lixo encontrado é diferente do da costa atlântica onde "reina o lixo das pescas. Aqui reina o lixo urbano". E ficamos a perceber que os resíduos que encontramos nestes areais são aqueles colocados na sanita. Cotonetes, embalagens de soro, material hospitalar, aplicadores de tampões, pequenas embalagens de plástico. "Numa manhã, recolhemos cerca de 3500 cotonetes", conta Ana Rita que nos fala sobre uma das ações de limpeza que aconteceu na praia do 2.º Torrão, mostrando-nos uma grande caixa com dezenas de amostras de lixo que é apanhado nas praias de todo o país.

"Uma vez até encontrámos uma urna com as cinzas de um Sr. Leopoldo", diz Ana Rita que acrescenta que "80% do lixo que está no mar vem de terra". A BdM atua em todo o país, "inspirando movimentos locais". Funcionam desde 2009 como grupo informal e a partir de 2012 como associação. Ao longo das suas ações já recolheram mais de 900 toneladas de resíduos, contando com o apoio de mais de 7600 voluntários que se juntaram à causa, aliando à indignação a ação necessária. "Limpar é uma forma de educar, de sensibilizar. A BdM ajuda-nos a mudar como pessoas."

Ana Rita conta-nos que ainda há muito a fazer na área da sensibilização ambiental. Apesar de ser um assunto que está na ordem do dia, "as pessoas continuam a deitar lixo nas ruas, nas estradas, nas matas. Não se muda de um dia para o outro, temos de trabalhar em comunidade, em rede, com parceiros que acreditam que vale a pena mudar."

Desde 2014 que a BdM conta com o Alto Patrocínio do Presidente da República e, desde 2021 que tem o apoio da UNESCO no projeto Panthalassa, uma ação em larga escala com o objetivo de limpar a linha costeira entre Viana do Castelo e Monte Gordo, continuando a sensibilizar a comunidade para a problemática do lixo marinho.

Amostras de lixo encontrado nas praias

CONSCIÊNCIA PARA UMA MOBILIDADE SUSTENTÁVEL

Texto de Paulo Teixeira
Fotografias de Victor Mendes

A mobilidade - a forma como nos deslocamos em ambiente urbano - está no topo da agenda do combate às alterações climáticas. Na Área Metropolitana de Lisboa, por exemplo, a grande maioria das deslocações são ainda feitas em automóveis particulares, com uma fatura pesada em emissões de gases com efeito de estufa e partículas nocivas para a saúde.

No ano de 1998, surge em França o "Dia Sem Carros". Mais tarde, em 2000, motivada pelo sucesso da iniciativa e na sequência de uma diretiva europeia (96/62/EC) relacionada com a qualidade do ar das cidades, é lançada a campanha "Dia Europeu Sem Carros", na qual várias cidades portuguesas participaram desde a primeira edição.

Desde 2002, a Semana Europeia da Mobilidade tornou-se um evento anual em inúmeras cidades europeias. De 16 a 22 de setembro, são programadas atividades com o objetivo de promover a mobilidade sustentável, consciencializando os cidadãos para os efeitos ambientais que podem ter as suas escolhas em matéria de transporte. Nesses dias e por diversos meios, cada cidade proporciona oportunidades para os cidadãos redescobrirem a sua localidade e respetivo património num ambiente mais saudável, deslocando-se a pé, de bicicleta ou de transportes públicos.

Em 2011, Almada recebeu o prémio da Semana Europeia da Mobilidade, instituído pela Comissão Europeia, tendo sido a primeira cidade portuguesa a ser distinguida com o galardão, como reconhecimento das atividades desenvolvidas na semana da mobilidade e das medidas permanentes adotadas pelo município. Fazem parte dessa lista a entrada em funcionamento do serviço de mobilidade reduzida FLEXIBUS (autocarros elétricos), a construção de uma via partilhada de peões e bicicletas (bicilink) entre a FCT/UNL e o Madan Parque (Campus Universitário no Monte de Caparica) e a requalificação e pedonalização da Rua Cândido dos Reis, em Cacilhas.

Este ano, como tem vindo a acontecer, Almada vai assinalar a semana da mobilidade, entre os dias 16 e 22 deste mês, e já tem definido o calendário de atividades. No dia 18, domingo, o trânsito irá ser condicionado em algumas ruas predefinidas na zona de Almada Velha. Se é morador, saiba o que vai mudar. Todas as informações sobre o evento podem ser consultadas online, através do QR CODE:

+ informações:
https://www.cm-almada.pt/semana-europeia-da-mobilidade-2022

CAMPO DE JOGOS EM CACILHAS

DE VOLTA À BASE

Texto de Sandra Gomes
Fotografias de Carlos Valadas e João Moreira

Um regresso às origens através da arte urbana que pretende inspirar a comunidade local.

JM

CV

É na Rua Mário de Sá Carneiro, perto da estação de metro 25 de Abril – a última antes do terminal de Cacilhas –, que encontramos um Campo de Jogos acabado de ser requalificado.

Com o objetivo de dar uma nova vida a este espaço desportivo, foi desafiado um grupo de artistas com as raízes neste lugar, de onde se avista o emblemático pórtico da Lisnave. A iniciativa partiu da CMA e da Hoopers, uma startup portuguesa dinamizada pelo almadense André Sobral Costa, que desenvolve projetos que aliam a prática desportiva, sobretudo do basquetebol, à requalificação e valorização de campos de jogo próximos da comunidade local através da arte urbana.

Desenhado a tinta no pavimento do campo, o lema do projeto está à vista de todos: "De Volta à Base". "Contamos uma história. Esta narrativa dá força e identidade ao espaço. É o regresso às origens de quem, como nós, ali cresceu" explicam os autores da intervenção artística, Chikolaev e Miguel Negretti responsável pelo coletivo de arte urbana Crack Kids.

À arte urbana junta-se a música original dos M.A.C. Missão A Cumprir – banda de rap nascida ali há cerca de 20 anos – com a colaboração de Carlão e do DJ Glue, dos Da Weasel e com uma forte ligação afetiva àquele lugar. Para além da intervenção artística – grafiti e música – foram substituídas as antigas balizas e a rede que circunda o campo desportivo para que possa ser usufruído por toda a comunidade. Ainda em setembro são lançados a música "De Volta à Base" e o vídeo realizado pelo coletivo Crack Kids, no qual é revelado todo o processo de criação e concretização deste projeto especial que poderá, em breve, ser replicado noutras freguesias do concelho.

MÁRIO CRUZ

"A MINHA FOTOGRAFIA É MUITO DE DENÚNCIA E ALERTA"

Texto de Paulo Teixeira
Fotografias de Luis Filipe Catarino

Qualquer semelhança com um cenário de ficção científica, estilo "Mad Max", é pura realidade. Uma realidade bem presente, difícil de imaginar, de aceitar e impossível de deixar indiferente quem a vê. Uma realidade que o fotojornalista Mário Cruz quer denunciar ao mundo através da sua lente e que teremos o privilégio de ver em Almada, na exposição *"Living Among What's Left Behing"*.

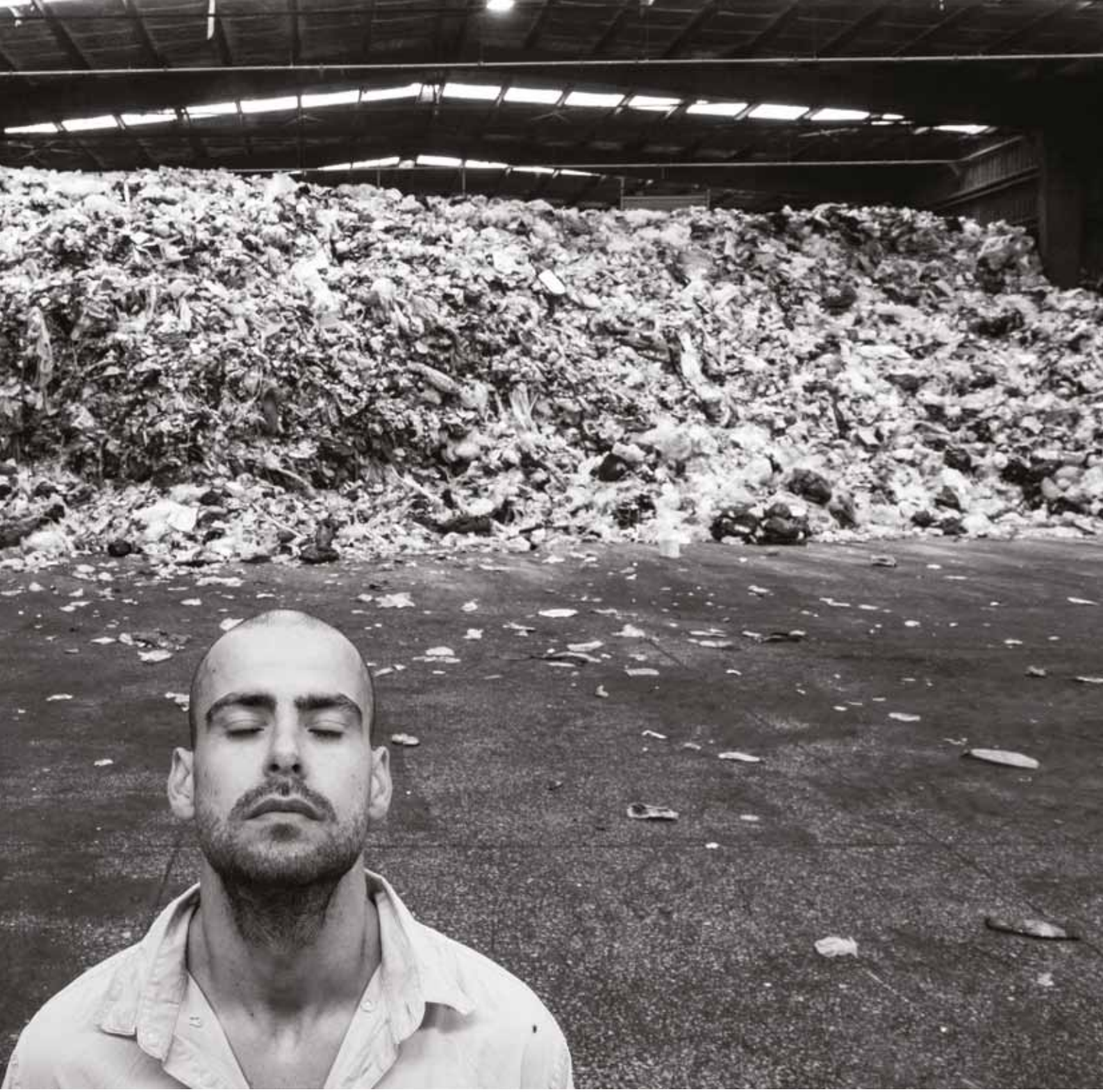
Aprofundar e investigar assuntos pouco mediatizados continua a ser o propósito de Mário Cruz. Se olharmos para os trabalhos internacionalmente distinguidos *"Talibes – Modern Day Slaves"* (Escravos dos Dias Modernos), *"Roof"* (teto), *"Recent Blindness"* (Cegueira Recente) conseguimos ter um olhar profundo sobre assuntos que nem sempre têm a atenção devida. "Sinto que posso dar um melhor contributo em locais onde não está ninguém [dos media], onde a fotografia pode ter um papel predominante".

"Vi sempre no fotojornalismo uma ferramenta para comunicar coisas que muitas vezes não têm visibilidade"

Em 2018, as Filipinas chamaram a atenção do fotojornalista pela crise humanitária e ecológica em Manila, a capital do país.
O rio Pasig é um dos rios mais poluídos e poluentes do mundo, considerado biologicamente morto desde a década de 90, serve como depósito a mais de 30.000 toneladas de lixo por ano. Em determinados pontos, a água é invadida pelo monturo, formando uma maré tão densa que se torna possível atravessar de uma margem a outra a pé.

"O rio, que outrora foi o centro económico de Manila, acabou por se tornar o esgoto da cidade"

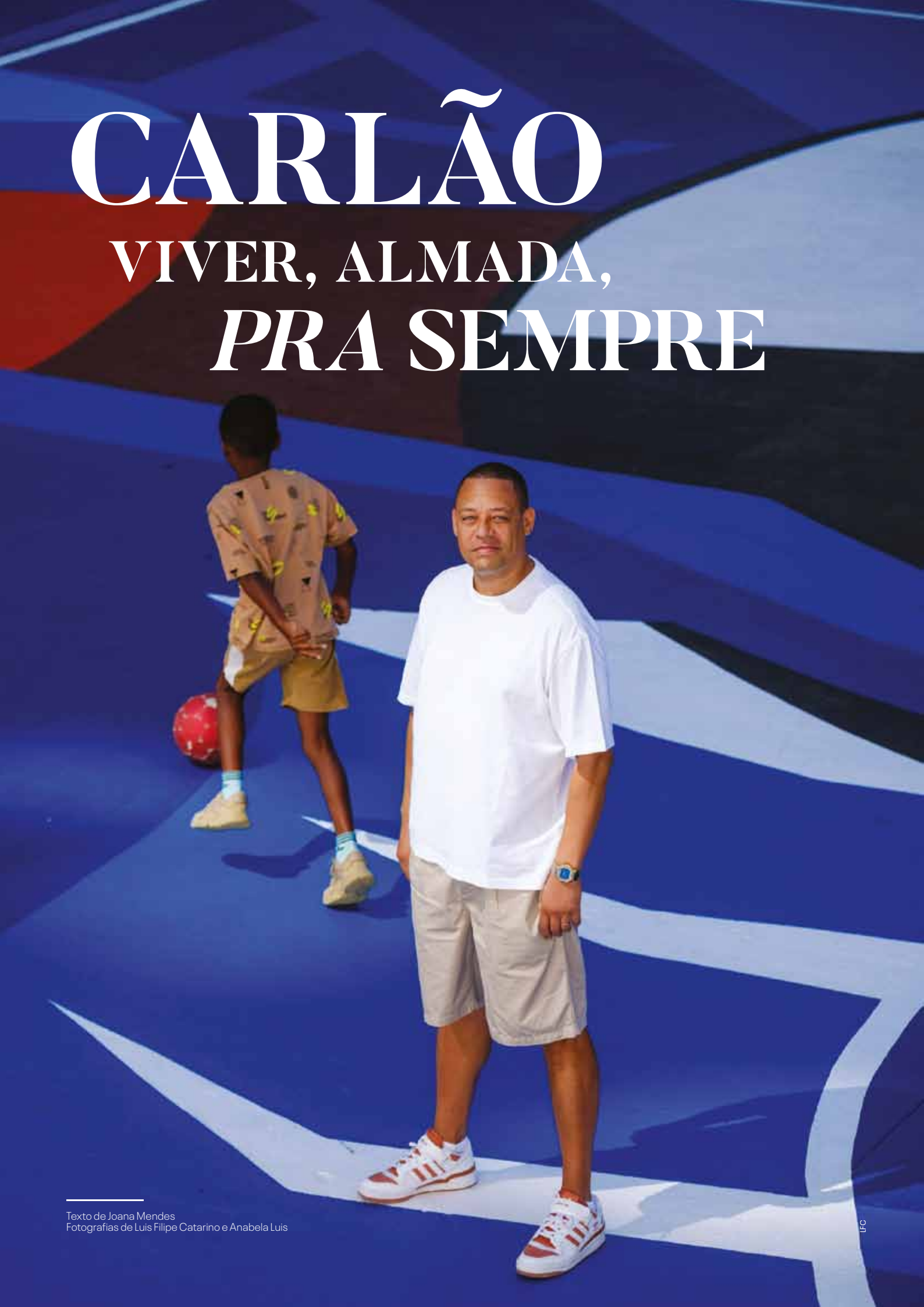
Nas décadas de 50 e 60, a indústria foi a grande responsável por esta situação que, não estando escondida, tem sido negligenciada e não parece ser uma prioridade para as autoridades filipinas. Apesar da relocalização da indústria existente em Manila, a capital ficou marcada pela migração e fixação de largos milhares de pessoas nas margens do rio; populações que vieram do interior em busca de uma vida melhor, mas acabaram a fazer parte de um cinzento panorama de pobreza.
Mário Cruz conta que essas pessoas "vivem da própria poluição. O dia-a-dia deles é ir para o rio Pasig tentar encontrar materiais que possam reciclar e dessa forma ter algum tipo de rendimento. Estas famílias vivem com 30 dólares por mês a as suas casas, se é que se podem chamar de "casas", são construídas com os materiais que encontram no rio. A partir dos 3, 4 anos de idade, a



vida destas comunidades não passa muito disto".
Em 1999 foi criada uma comissão para a reabilitação do rio, na tentativa de solucionar os problemas de poluição, de inexistência de saneamento e de alojamento ilegal, que se revelou ineficaz. "As poucas medidas que adotaram foi a distribuição de sanitas para as porem em casa, como se isso resolvesse o saneamento. As pessoas puseram as sanitas à porta para servir de banco."
A influência da poluição na vida destas pessoas, as gerações que se habituaram a viver em harmonia com o lixo, seres humanos com problemas graves de saúde provocados pela poluição são denunciados nesta exposição que tem vindo a ser marcante para quem a visita e não tem passado despercebida à comunidade mundial. A foto que mostra uma criança a descansar em cima do lixo foi distinguida pelo *World Press Photo* 2019. A exposição de Algés arrecadou o prémio de melhor exposição de fotografia em Portugal, pela Sociedade Portuguesa de Autores e, no Museu de Lamas, foi considerada a melhor exposição de fotografia em museu.
Mário Cruz considera Almada um ponto muito importante de passagem desta exposição. "Almada e o Rio Tejo são um só" e a sensibilização de cidadãos que já tiveram que lidar com um rio poluído será facilitada. O edifício da União Elétrica Portuguesa, "esquecido pelo tempo, com materiais gastos, coisas destruídas, exatamente como encontrei nas Filipinas", será o palco desta instalação, toda composta de colagens a grande escala e que conta com várias toneladas de lixo como forma de reproduzir o ambiente fotografado.

CARLÃO

VIVER, ALMADA, *PRA* SEMPRE



Texto de Joana Mendes
Fotografias de Luis Filipe Catarino e Anabela Luis

LFC

"Toda a gente gosta de si!", diz-lhe uma das muitas senhoras, já com alguma idade, por quem passamos ao longo do nosso percurso por Cacilhas.
"Olá, Carlitos!", fazem questão de cumprimentar, perguntando pela família. "Em casa, está tudo bom?". E o Carlitos de outrora (uma forma de tratamento que se mantém para os mais chegados), que as senhoras conhecem desde pequeno, é Carlos Nobre, ou Carlão, que faz questão de responder, sempre com um sorriso no rosto, a todos os bons dias que recebe, nunca recusando fotografias aos fãs mais jovens.

LFC

Marcámos encontro no estúdio pessoal de Carlão, em Cacilhas, a sua "segunda casa", local de trabalho que encontrou numa feliz coincidência. "Eu estava em Lisboa, há uns tempos, a dividir o estúdio com o Sam The Kid, com o Regula, com o Fred Ferreira. Mas era muita gente no mesmo sítio e tentei encontrar um local para mim. Já estava quase a alugar em Lisboa mas, numa das minhas vindas a Cacilhas, reparei que este sítio estava para a alugar e então foi perfeito." A morar e a trabalhar em Lisboa, "estava a perder o contacto com os meus pais [que continuam a morar em Cacilhas] e com o pessoal da minha criação. E acho que isso se traduziu na música que comecei a fazer depois de estar aqui".
Carlão dá como exemplo o tema *Viver Pra Sempre*, de 2017. Uma canção que nos fala da vontade de "sentires a tua gente" e cujo vídeo não nos deixa indiferentes. Filmado em Cacilhas, no campo de jogos junto à Rua Mário de Sá Carneiro, um local indissociável da infância do músico, quando ainda era hábito as mães virem à janela dizer "anda para casa jantar! [risos]. Um gajo ficava aí o dia todo na rua e foi nesta área que passámos muito tempo da nossa juventude".
O vídeo, do realizador Fernando Mamede, surgiu da ideia de "fazer uma festinha, com umas colunas, e estar aí com amigos e família.Acaba por ser para mim um dos vídeos mais emblemáticos", porque juntou "pessoas com quem eu cresci, pessoas da minha família, amigos, outra malta que é da zona e apareceu. Ficou um retrato muito porreiro daquilo que é a vida aqui". Um retrato que fala de um "capital humano", como lhe chama Carlão, de "um lidar mais próximo" que caracteriza as gentes deste território. Saímos do estúdio e paramos neste campo de jogos, cujo projeto recente de intervenção juntou artistas, todos conhecidos de Carlão – o artista visual Chicolaev, o grupo M.A.C. e o coletivo Crack Kids –, que, curiosamente, desenvolveram o conceito "De Volta à Base". Além da pintura que hoje vemos no chão, o projeto vai contar com uma música dos M.A.C., onde Carlão irá ter uma participação.

LFC

Café na Rua António Nobre onde foi filmado parte do projeto "Bebe-se um café, escreve-se um refrão"

AL

Terminal Fluvial de Cacilhas

Carlão já atuou várias vezes em Almada. No Sol da Caparica, no Teatro Municipal Joaquim Benite e até à entrada do terminal fluvial de Cacilhas onde, em 2018, surpreendeu quem por ali passava com um concerto solidário. Falta-lhe a sala da Incrível Almadense. "Ainda hei de fazer um concerto, em nome próprio, na Incrível. É uma sala que eu adoro e só lá vi concertos".

E será diferente tocar em Almada? Carlão responde rápido e fácil. "Por um lado, sabes que estás a tocar em casa, mas, por outro, há alguma responsabilidade porque estás a tocar com pessoal que te viu crescer, que andou contigo na escola e queres dar o teu melhor. Há ali uma mistura de emoções. Com o passar dos anos, tenho vindo a concentrar-me mais nas coisas positivas e, realmente, cada vez que toco aqui na zona é muito diferente. O facto de haver alguém que me dá esse sentimento de casa e de pertença mete-me logo um sorriso nos lábios e estou muito mais à vontade", responde.

A escrita está muito presente no trabalho de Carlão. Foi o autor das letras dos Da Weasel e continua a escrever os seus próprios temas, revelando uma preferência pela realidade que o rodeia. Carlão lembra o conselho antigo do irmão, também músico, João Nobre. "Podes escrever sobre tudo o que quiseres, desde que o faças bem. (...). Podes fazer um texto excelente sobre uma pedra da calçada, é a tua perspetiva que interessa. Esse conselho do meu irmão fez-me pensar que podia escrever sobre tudo, desde que o fizesse de uma maneira interessante." Como num dos hinos dos Da Weasel, *Tás na Boa*, onde o primeiro verso nos fala da vivência nos cafés da zona, um dos quais ainda lá está, no sítio de sempre.

AL

Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude, Cacilhas

Também o terminal fluvial de Cacilhas marca a juventude de Carlão. "Era o portal para outra realidade, que era Lisboa à noite. Eram incríveis essas viagens de barco, com a malta toda que se encontrava para ir para o outro lado onde se viviam histórias rocambolescas". Carlão lembra ainda a época de escola. "Fui um excelente aluno até ao 8.º ano, depois comecei a patinar [risos]". Como andava com malta mais velha, saía da D. António da Costa, onde estava de manhã, descia e vinha ter aqui [Escola Secundária Cacilhas-Tejo] com meu irmão e com essa malta. Saltava as redes para ir ter com eles."

LFC

Nesta altura também o Ponto de Encontro, em Cacilhas, fazia jus ao nome. "Era, realmente, o ponto de encontro de bandas e de malta que gostava de música. Dei ali os meus primeiros concertos, com bandas que tinha, para aí com 13 anos. Para nós era muito importante, na altura, porque tínhamos pouquíssimas coisas e o Ponto de Encontro era uma delas."
Impossível não falar da figura do Cristo Rei e das palavras *Almada Cru* (um jogo de palavras) que Carlão tem tatuados. "Quando fiz as tatuagens estava cá, mas elas ganharam outro significado quando fui para Lisboa. Porque aí, cada vez que as vejo, não me deixam esquecer de onde é que venho. Esteja onde estiver, está aqui esta referência".

> "Gosto de fazer coisas deste lado porque tem mais a ver comigo, sinto-me muito mais à vontade do que em qualquer outro sítio"

"Bebe-se um café, escreve-se um refrão" é um dos mais recentes projetos que junta uma dupla de artistas que partilham processos de criação. Filmado em 2021, parte num café (na Rua António Nobre), parte no seu estúdio, "Bebe-se um café, escreve-se um refrão" deixou Carlão com vontade de continuar o projeto. "Gostava de vir a fazer uma segunda temporada. Gostei muito da experiência e faria aquilo com outro à vontade".
E neste que é um mês caracterizado pelos regressos, vamos poder contar com novo EP, *Formas do Verbo Amar*, que inclui o tema já em rotação *A Maior Traição* e que nos fala do conceito de "relação", de "ideal amoroso" que pode ter expressões muito diferentes entre si. Já no fim desta pequena viagem, que nos levou pelas memórias de Carlão e que terminou onde começou, no seu estúdio, lembramo-nos de uma frase do músico que, de forma breve, nos fala da relação com Almada. "Gosto de fazer coisas deste lado porque tem mais a ver comigo, sinto-me muito mais à vontade do que em qualquer outro sítio".

Percurso pela cidade de Almada, por Carlão

1. **Rua Mário de Sá Carneiro,** Campo de Jogos
2. **Rua António Nobre**
3. **Escola Secundária Cacilhas -Tejo**
4. **Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude**
5. **Terminal Fluvial de Cacilhas**
6. **Incrível Almadense**

"TRANSFORMAMOS ÁRVORES EM PRANCHAS DE SURF"

A paixão pelo surf e a experiência profissional como arquiteto aguçaram a vontade e o engenho de Nuno Mesquita no desenvolvimento de pranchas em madeira para desportos de ondas. Assim nasce a Ahua.

Texto de Sandra Gomes
Fotografias de Anabela Luis

O *surf* e o mar fazem parte da vida de Nuno Mesquita desde muito novo. Como arquiteto sempre teve vontade de saber mais sobre os materiais de que eram feitas as pranchas. Em 2011 cria a primeira prancha de mão (*handplane*) em cortiça. Este projeto inovador está na origem da Ahua, a marca portuguesa – *made in* Almada – que hoje é uma referência nacional e internacional ligada ao *bodysurf* – modalidade desportiva que consiste em apanhar ondas com o corpo utilizando uma prancha de mão que permite um maior controlo da direção e velocidade.

Da árvore até ao mar

É na Quinta dos Medronheiros, na Charneca de Caparica, que encontramos a Ahua, a escassos quilómetros da praia onde todas as manhãs Nuno Mesquita retempera energias. Ao longo dos últimos anos a Ahua foi ampliando e adequando a sua gama de pranchas a diferentes níveis de desempenho – da iniciação à competição. Atualmente comercializa três tipos de pranchas: as *alaias* (sem quilhas) para *Surf*, os *paipos* para *bodyboard* e os *handplanes* para *bodysurf*. Para melhorar o desempenho das pranchas a Ahua conta com a colaboração de oito atletas "que nos dão *inputs* e nos ajudam a desenvolver o *shape* (forma) das pranchas".

A madeira utilizada – *Paulownia* – faz a diferença na qualidade do produto final. "É uma madeira muito leve, resistente à água salgada, com maior capacidade de flutuação e uma grande flexibilidade que a torna mais fácil de ser trabalhada e permite um acabamento mais orgânico", como explica o responsável pela empresa que esperou oito anos pelas primeiras árvores de *Paulowia* – árvore originária da Ásia – plantadas em Portugal: "Cortei as árvores, fatiei, sequei a madeira e agora transformo-a em pranchas".

Para além de conceber e produzir pranchas, os *workshops* são outra das novidades da marca. Ao longo de oito horas é possível aprender todo o processo de fabrico e fazer a sua própria prancha – desde o desenho até ao acabamento final, incluindo a gravação do nome.
Mas as pranchas produzidas pela Ahua não são apenas para a prática desportiva. Há quem queira adquirir uma prancha para decorar um espaço ou mesmo para assinalar um momento especial. É o caso da edição exclusiva de três *alaias* esculpidas em mármore por Nuno Mesquita durante o confinamento. "São um monumento à origem do *surf*."

Comunicar a sustentabilidade

"Na Ahua transformamos madeira em pranchas de *surf*. A nossa preocupação é a sustentabilidade, a excelência e a performance do produto final." Para Nuno Mesquita a sustentabilidade ambiental na produção das pranchas é fundamental e reflete-se na origem da matéria-prima e nas curtas candeias de abastecimento. "O futuro passa por aí".
O próximo desafio é produzir pranchas de *surf* em madeira. A primeira foi feita em dezembro de 2021 – com poliestireno extrudido (no interior), chapas de contraplacado de madeira de *Paulownia* (revestimento exterior) e cortiça (no rebordo). Esta será a quarta gama de produtos da empresa almadense.
Embora a Ahua tenha uma gama de *handplanes* produzidas em policarbonato, Nuno Mesquita defende a utilização consciente do plástico, apostando na sua maior durabilidade.
A produção de pranchas para *bodysurf* em plástico reciclado – um projeto que surgiu durante o confinamento – também deverá avançar em breve.

Alaia e *Paipo* designação das pranchas de *surf* e *bodyboard* finas feitas em madeira, sem quilhas, originalmente utilizadas pelos antigos havaianos.

+ informações:
https://ahuasurf.com

Maria Franco e Ana Macara são as diretoras artísticas da Quinzena de Dança de Almada

QUINZENA DE DANÇA DE ALMADA

30 ANOS A DIVULGAR E VALORIZAR A DANÇA

Texto de Sandra Gomes
Fotografia de Luis Filipe Catarino

De 22 de setembro a 9 de outubro a dança contemporânea regressa aos palcos de Almada.

Estávamos em 1992 quando a Companhia de Dança de Almada lançou a Quinzena de Dança, um festival de dança contemporânea pioneiro em Portugal. Passadas três décadas, o panorama nacional é bem diferente. "Hoje há vários festivais de dança em diferentes localidades do país. Também no concelho a oferta formativa cresceu", esclarecem Ana Macara e Maria Franco, a dupla que assume a direção artística da Quinzena de Dança de Almada (QDA) desde a sua criação.

Espaço de encontro e de partilha da diversidade, esta 30.ª edição da Quinzena de Dança apresenta 12 espetáculos nacionais e internacionais, seis plataformas coreográficas e várias mostras de videodança.

Com uma programação pensada para a comunidade artística, mas também para todos os públicos, este ano a QDA conta com a participação da James Wilton Dance, uma das mais reconhecidas companhias britânicas, que se apresenta pela primeira vez em Portugal.

Além da estreia da Companhia de Dança de Almada – "Agarra a minha mão e..." –, uma criação do coreógrafo internacional Tiago Manquinho, este ano a QDA vai dedicar uma das plataformas coreográficas exclusivamente aos criadores portugueses. "Procuramos que este festival seja realmente uma plataforma de lançamento e de difusão do trabalho dos coreógrafos", afirmam as diretoras artísticas da QDA, que este ano recebeu cerca de 500 propostas de vários pontos do mundo para participação nas plataformas coreográficas. Destas foram selecionadas 30 apresentações de 14 países. "A visibilidade internacional tem sido crescente. A QDA é hoje reconhecida no meio dos festivais internacionais", sublinha Ana Macara.

Com um espírito sempre aberto a novos desafios, de acordo com Ana Macara e Maria Franco a QDA pretende continuar "a apresentar espetáculos de grande qualidade estética e artística, trazendo a Portugal artistas ainda pouco conhecidos no país, a apoiar e divulgar os novos criadores junto da comunidade artística nacional e internacional, e a incentivar a prática e o conhecimento da Dança, promovendo a inclusão e o envolvimento com a comunidade".

+ informações:
https://quinzenadedancadealmada.cdancaalmada.pt

FESTAS DA COVA PIEDADE

TEMPO DE ENCONTRO, ALEGRIA E MEMÓRIA

Texto de Paulo Teixeira
Fotografia de Carlos Valadas

Está a chegar o mês das festas em honra da Nª. Sra. da Piedade - setembro -, uma festa secular e tradicional realizada na Cova da Piedade, concelho de Almada.

A História conta-nos que, apesar de antiga, esta celebração teve um interregno entre os anos 70 e os anos 80, na sequência do Concílio Vaticano II, de reformas litúrgicas e da piedade popular, numa altura em que algumas festas religiosas desapareceram.
Na década de 80, a festa volta a realizar-se por mão do Padre Ricardo Gameiro. Com o crescimento da dimensão da festa, a paróquia, em conjunto com a junta de freguesia e, mais tarde, com a Câmara Municipal de Almada, partilham a organização.
No ponto de vista do Pe. José Pinheiro, pároco da Cova da Piedade, as festas têm um papel preponderante na dimensão do seu quadro humano.

"Estas festas são um espaço fundamental de integração humana"
"Almada é uma cidade que acolhe muitos imigrantes que procuram construir a sua vida" e esta celebração é um momento de "encontro de todos: os crentes e os sem fé, os católicos e os de outras religiões, (...) encontro que nos liberta, que nos cura, que nos devolve o horizonte da esperança".

"Quando perdemos as nossas raízes, desumanizamo-nos"
O sacerdote salienta a importância destes momentos de união com a cultura, a tradição e as raízes, a celebração das memórias, de infância, de juventude, dos que já partiram, numa altura em que as pessoas tendencialmente vivem fechadas sobre si mesmas, preocupadas com o dia-a-dia. "É um ciclo que se renova a cada ano numa memória agradecida".
A igreja de Nossa Senhora da Piedade estará de portas abertas, num convite à festa que promete ser alimento para corpo, alma e espírito. Nos dias 9, 10 e 11 de setembro, além da animação com música tradicional e popular, dos comes e bebes e de todos os espaços de diversão e convívio, será retomada a procissão, após interrupção nos anos de pandemia, que terminará no coreto da Cova da Piedade, com a celebração da eucaristia ao ar-livre.

Pe. José Pinheiro à porta da igreja da Cova da Piedade

TRAFARIA BLUEGRASS
ONDE O TEJO SE FAZ AO MAR

Texto de Paulo Teixeira
Fotografia de Luis Filipe Catarino

Em setembro, a Trafaria assume a responsabilidade de ser a primeira localidade em Portugal a receber um festival internacional de Bluegrass. Nos dias 9, 10 e 11, a pequena povoação será transformada numa vila musical. Mas, nem só de música vive este festival. *Workshops*, viagens de barco pelo Tejo, visitas guiadas à vila e ainda algo pouco habitual nos festivais em Portugal: encontros musicais (*jam sessions*). Previsíveis, mas não ensaiadas, as *jam sessions* são características dos músicos de Bluegrass, que se juntam aleatoriamente em qualquer local e iniciam improvisos musicais abertos a quem quiser participar.

A organização, a cargo dos Recreios Desportivos da Trafaria, não pretende apenas dar a conhecer o Bluegrass aos portugueses, mas também a vila da Trafaria, o seu comércio e costumes ao mundo, fazendo deste, um festival "das pessoas da Trafaria, para as pessoas da Trafaria e para quem vier ver". E esperam-se pessoas de vários países, entre músicos e amantes do estilo, como é o caso da presidente da Associação de Musica Bluegrass Britânica, Sherryl Payne. A reação da comunidade internacional foi de muito entusiasmo, ao saberem do local do festival, pois consideram Portugal um destino muito interessante.

André Dal, diretor artístico do festival Trafaria Bluegrass

André Dal, diretor artístico do festival e banjoísta da única banda portuguesa de Bluegrass em atividade, não esconde a emoção de trazer um evento que até agora só podia ver noutros países e que promove um estilo musical que abraçou há cerca de 25 anos. Quando questionado sobre o porquê de ser na Trafaria, a resposta é simples. "Porque não? É o sítio ideal para fazer um festival de Bluegrass! É um estilo de música que se identifica com a particularidade das vilas [pequenas e acolhedoras], dos sítios onde as pessoas se conhecem todas. (...) Em Lisboa, por exemplo, era impossível fazer um festival deste tipo, [pela sua dimensão] a dispersão era enorme."

O cartaz conta com 5 bandas europeias, do Bluegrass Tradicional ao "Newgrass". Rawhide (Bélgica), The Often Herd (Inglaterra), Buster Sledge (Noruega), The Original Five (Suécia) e Stonebones & Bad Spaghetti (Portugal) vão atuar nos 5 palcos cobertos (Presídio, Casino, Poço Novo, SRMT e Igreja) e no palco principal, ao ar livre - o palco Trafaria. Isto é o previsto, depois logo se vê onde os iremos encontrar a tocar!

Consulte curiosidades sobre o estilo de música ainda desconhecido em Portugal, agenda do festival e outros pormenores através do QRCODE:

https://trafariabluegrass.pt/

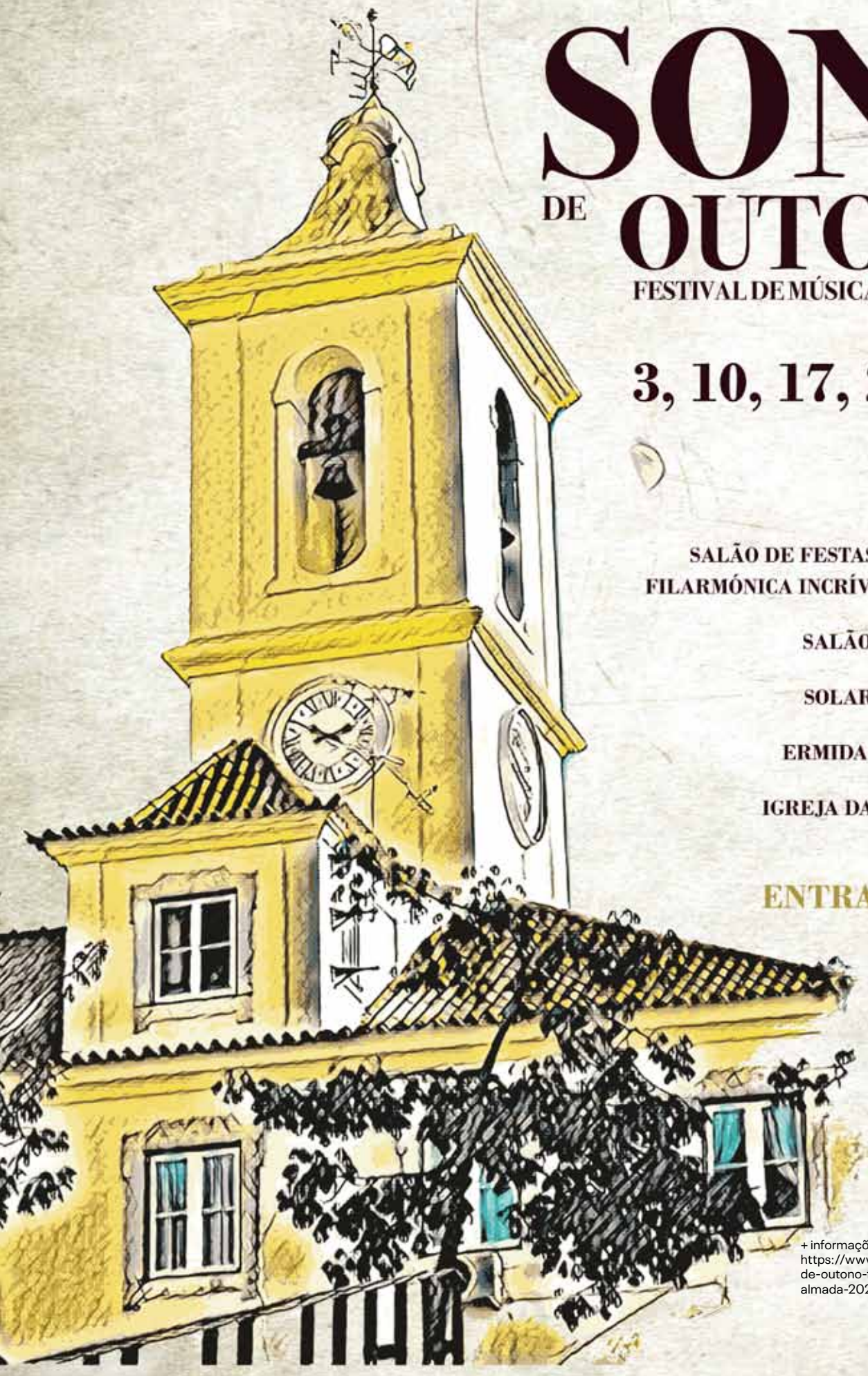
LIGA PRO SKATE
LPS
PORTUGAL

LPS ALMADA PRO SERIES

08 A 11 SETEMBRO

PARQUE URBANO
COSTA DA CAPARICA

FEDERAÇÃO DE PATINAGEM DE PORTUGAL
CMA
SMAS
ERICEIRA SURF+SKATE
HOT WHEELS
Vitalis
re.SK8
onsk8
BAND SPORTS
SPORT TV



SONS DE OUTONO

FESTIVAL DE MÚSICA DE ALMADA

3, 10, 17, 24 SET
1 OUT

SALÃO DE FESTAS DA SOCIEDADE FILARMÓNICA INCRÍVEL ALMADENSE

SALÃO DAS CAROCHAS

SOLAR DOS ZAGALLOS

ERMIDA SÃO SEBASTIÃO

IGREJA DA MISERICÓRDIA

ENTRADA LIVRE

+ informações:
https://www.cm-almada.pt/sons-de-outono-festival-de-musica-de-almada-2022

CM-ALMADA.PT ANTENA 2 Cantabilefest CMA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA